

## CIDADES EDUCADORAS E PROCESSOS PSICOLÓGICOS EMANCIPATÓRIOS: UMA PROPOSTA TRANSDISCIPLINAR

*Gabriel Barth<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente ensaio propõe debater, partindo de uma perspectiva transdisciplinar, os potenciais que são fomentados em torno do conceito de cidades educadoras, englobando dilemas educacionais, territoriais e psicológicos para buscar possíveis caminhos de emancipação cidadina no cotidiano das cidades, contrapondo a constituição de espaços urbanos privados em favor da realização de espaços públicos plurais. Essa demanda torna-se necessária ao perceber o atravessamento da lógica de mercado em diversas instâncias da realidade cotidiana contemporânea que, em geral, são respondidas por mecanismos que retroalimentam um pensar individualizado, sustentando a condição subalterna alienante de quem participa das dinâmicas territoriais em contextos urbanos. Busca-se, a partir da presente reflexão, promover um debate que centraliza a realização de cidades educadoras enquanto instrumento central para realizar um território urbano que não se restrinja sobre suas expressões físicas, mas também sobre seus elementos simbólicos e materiais dispostos em sua alteridade cidadina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidades educadoras; Emancipação; Processos psicológicos; Transdisciplinaridade; Dinâmicas territoriais.

## EDUCATING CITIES AND EMANCIPATORY PSYCHOLOGICAL PROCESSES: A TRANSDISCIPLINARY PROPOSAL

**ABSTRACT:** This essay proposes to debate, from a transdisciplinary perspective, the potentials that are fostered around the concept of educating cities, encompassing educational, territorial and psychological dilemmas to seek possible paths of urban emancipation in the daily life of cities, opposing the constitution of spaces private urban spaces in favor of the realization of plural public spaces. This demand becomes necessary when perceiving the crossing of the market logic in several instances of contemporary everyday reality that, in general, are answered by mechanisms that feed back an individualized thinking, sustaining the alienating subaltern condition of those who participate in territorial dynamics in urban contexts. . Based on this reflection, we seek to promote a debate that centralizes the realization of educating cities as a central instrument to create an urban territory that is not restricted to its physical expressions, but also to its symbolic and material elements arranged in its urban otherness.

**KEYWORDS:** Educating cities; Emancipation; Psychological processes; transdisciplinarity; Territorial dynamics.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Porto e Bacharel em Psicologia pela PUC \_ PR.

**Data de submissão: 01. DEZ. 2022.**

**Data de aceitação: 30. DEZ. 2022.**

## **Introdução**

O presente ensaio pretende abordar como, a partir de uma análise transdisciplinar sobre o território no qual uma população estabelece-se, podem ser percebidos diversos elementos que atravessam o cotidiano dos indivíduos que constituem e continuamente criam esse espaço em suas disputas narrativas, identitárias e instrumentais. Portanto, propõe-se pensar as dinâmicas territoriais para gerar um espaço público democrático como, também, um espaço de educação popular e de emancipação psicológica, instrumentalizando o conceito de cidades educadoras (FERNANDES, 2009; CHISTÉ & SGARBI, 2015; GOMES & AZEVEDO, 2021; MOLL, CORÁ & SILVA, 2022; CASTRO, NETO & PALHETA, 2020; BACILA, 2021) para a defesa da cidadania a partir da formação de espaços públicos (GOMES, 2018; LEITE, 2008) que, por sua vez, permitem gerar novas formas de consciência da realidade que possam contrapor modos de consciência alinhados apenas com uma ideologia de mercado vigente, partindo de uma educação popular que surja exatamente da própria população que vive sua condição oprimida na realidade cotidiana para demonstrar novas formas de ser partindo de suas práticas culturais e de sua alteridade, como pode ser percebido na produção de Freire (2011, 2014).

Considerando os processos neoliberais que atravessam os processos psicológicos contemporâneos, que lógicas e resoluções de problemas de formas individuais, continuamente voltadas sobre a geração de capital, como apresentado em Safatle, da Silva Junior & Dunker (2021) e Cabanas & Illouz (2019), propõe-se refletir acerca de como um pensar transdisciplinar (NICOLESCU, 2018) sobre o cotidiano das cidades, a partir de suas instâncias de legitimação de cidadania, permitem atuar a favor de processos educacionais e psicológicos emancipatórios, que dispõem de uma ótica crítica e reflexiva sobre seu cotidiano e seus processos subjetivos individuais e coletivos. Busca-se a partir do presente trabalho, portanto, defender a realização de cidades educadoras em um contato profundo da relação entre Território, Educação e

Psicologia, com benefícios indelévels em seus respectivos contextos e interações.

### **A educação e a cidade: pensando cidades educadoras**

É defendido por Fernandes (2009) como toda cidade possui o potencial de ser educadora. Isso é possível pois, considerando os modos como jovens e crianças pensam e agem sobre os espaços urbanos, cria-se um repertório de “informações imagéticas, sonoras, musicais, ruídos, barulhos que está disponível como produção natural ou cultural-tecnológica dos sujeitos” (2009, p.71). A cidade, portanto, dispõe de diversos níveis e características que atravessam e constituem seu cotidiano, permitindo “exercícios de comparação entre os modos de ver e ouvir – sons, ruídos, barulhos, música, enfim, produções naturais ou culturais tecnológicas – de crianças e jovens, buscando proximidades, similitudes, especificidades, particularidades” (2009, p.71).

Esses modos diversos de existência que atravessam a realidade cidadina permitem explorar a perspectiva de Chisté & Sgarbi (2015) de que uma cidade educadora, que percebe a enquanto “mediação que funciona como organizadora e transmissora de ideias, medeia as ações executadas no contexto educativo” (2015, p. 87), deve ser constituída a partir da promoção de humanização, empoderamento e de construção de cidadania plena. Partindo dessa realidade, ressalta-se como “escola é da cidade, na cidade e para a cidade” (2015, p. 106), devendo realizar-se no cotidiano a partir de uma educação integral que, como defendem Gomes & Azevedo (2021), dinamizam seus diferentes sujeitos, em suas diversas instâncias, para “favorecer os processos de aprendizagem e desenvolvimento do ser humano, e também como uma tática para diminuir os efeitos negativos da pobreza concentrada e da segregação socioespacial” (2021, p. 106). Isso torna-se possível a partir do conceito Cidade Educadora, gerado em um congresso internacional em Barcelona em 1990, como apresenta Bernet (1993), que busca dinamizar as instâncias de aprender na cidade a partir de suas potencialidades materiais, aprender da cidade enquanto agente educativo e aprender a cidade enquanto objeto e conteúdo em si, formalizando um pensar a

educação além das instituições de ensino, trazendo o ato de aprender para o cotidiano cidadão.

Pensar as oportunidades que uma cidade oferece para coexistência com a alteridade e, por consequência, pensar as potencialidades dessa cidade enquanto uma cidade educadora, é necessário tornar visível a diversidade de realidades possíveis para seus cidadãos, com sua historicidade plural e que desvela suas diferenças e disputas internas. Como defendem Moll, Silva & Corá (2022): “a cidade com suas memórias, histórias, conflitos, disputas, encontros humanos, narrativas, constitui-se como um curriculum, ou seja como um percurso multifacetado e diverso de possibilidades e de impossibilidades educativas” (2022, p. 4), valendo recuperar as conclusões de Castro, Neto & Palheta (2020), em que pensar a cidade enquanto um campo de educação não formal é essencial no contexto da realidade cidadina “para que eles possam se tornar cidadãos e enfrentarem os problemas que afligem a sociedade, por meio da compreensão da realidade e uma atuação mais efetiva, contribuindo para um futuro comum e melhor” (2020, p. 25). Pensa-se portanto não em uma cidade que existe a partir de uma instituição política que está acima e além de seus sujeitos, mas que se realiza, se constrói e se reconstrói em uma relação dialética do contato entre seus agentes sociais (BACILA, 2021), fenômeno que ecoa o trabalho de Norbert Elias (1994), em que a realidade social é formada e construída a partir dos diversos contatos em que os atores sociais estabelecem entre si, com suas qualidades, demandas, intenções e disputas, tornando possível, portanto, a transformação estrutural e material da realidade.

Porém, considerando a realidade dos impactos introjetados na realidade comum cidadina a partir do advento do capitalismo, é relevante refletir a partir da afirmação de Machado (2009):

A cidade é o lugar onde acontecem muitos conflitos por aglutinar milhares de pessoas diferentes e com culturas diferentes. Entretanto, nesta não há somente conflitos, é também um local onde o capital se mostra devastador, tanto na sua forma de “espetáculo” alienando as pessoas, como na sua forma degradante prejudicando a qualidade de vida da população (MACHADO, 2009, p. 21).

Considerando essa condição, vale-se refletir sobre que tipo de espaço é fomentado nas cidades urbanas. Deve-se, nesse procedimento, distinguir espaço público de espaço urbano, como é apresentado por Gomes (2018), pois a expressão física da cidade não necessariamente constitui o espaço democrático e plural que é necessário para formalizar uma cidade educadora. O espaço físico, como a rua, é continuamente disputado em seus modos de usos, já que empreendimentos privados podem apropriar-se das condições materiais desses territórios, enquanto o espaço público por excelência não tolera esse domínio pois requer a união dos entes que compõem o cotidiano citadino em todas as suas qualidades, valores, interesses e projetos, com regulações e limites que convergem na negociação dessa miríade de elementos que constituem as relações de pessoas públicas com seus direitos e deveres, resultando nos seus potenciais comunitários e comunicacionais.

Pelo prisma de Leite (2008), fundar um espaço público é, necessariamente, primar pelo seu caráter interacional que constitui suas culturas públicas, contrapondo ao esvaziamento da cidade de sua alteridade. O sentido do espaço é primordial ao analisar as capacidades da cidade em realizar-se enquanto educadora, devendo portanto necessariamente se contrapor sobre as demandas capitalistas que atravessam e regulam suas realidades.

### **A cidade e a psiquê do pensamento único**

Pensar em fomentar cidades educadoras são necessárias em um contexto contemporâneo quando percebe-se os moldes de estruturas psíquicas de caráter individual que cotidianamente influenciam a realidade citadina. Kehl (2015) percebe como o aumento epidêmico de depressões necessariamente está atrelado sobre a influência de uma dinâmica capitalista na psiquê do sujeito, que patologiza a vida cotidiana que não se adapta ao modo de vivência e de produção capitalista, seja para gerar um aumento de vendas na indústria farmacêutica a partir do mercado de antidepressivos, fenômeno respaldado pela crescente crença acrítica de que os problemas surgem e podem ser resolvidos pela via da neurologia (VIDAL & ORTEGA, 2017), ou para centrar a culpa do fracasso no próprio sujeito, como percebe Dunker (2021), em que a culpa sobre

o sofrimento cotidiano recai sobre um sujeito que está excluído socialmente, invisibilizando a origem social de sua condição.

Franco et al (2021) defendem como contemporaneamente, atrelados a uma ética neoliberal, possuem uma vivência intrinsecamente atrelada a ordem de mercado, alterando seu cotidiano em favor de uma otimização de capacidades competitivas interiorizadas, buscando uma melhora de performance. Nesse processo, ressalta-se o caráter de patologizar o que foge da norma, gerando dentro da clínica em psicoterapia uma lógica de busca de melhora de performance de si, fenômeno investigado por Neves et al (2021), em que, no lugar de uma reflexão crítica sobre as raízes do sofrimento psíquico de forma plural e individual, pensando sobre os processos que o sujeito estabelece a partir de sua estrutura social e conseqüente desenvolvimento em um modo de pensamento único, há um reforço no modo de pensar neoliberal, pensado na maximização de potencialidades do sujeito de acordo com o mercado e o setor privado individual.

A Psicologia, portanto, como percebem Cabanas & Ilouz (2019), sofre uma mudança central em seu eixo quando considerada pelo prisma das psicoterapias que atuam enquanto mantenedoras do *status quo* do pensamento único. Utilizando-se de exemplo de linhas psicológicas como a Psicologia Positiva, que centra-se seus estudos na obsessão da aquisição de felicidade e positividade, defende-se, nesse processo, lógicas individualistas de economia de mercado, objetivando uma busca individual e cortando os laços comunitários do sujeito, focalizando no consumo de produtos que realizem essa promessa do melhoramento de si.

Partindo dessa realidade, reitera-se a necessidade do pensar em torno das cidades educadoras como forma de transformação da perspectiva cidadina acerca de sua condição, quebrando com o olhar individualista de resolução da realidade oprimida que seus cidadãos vivenciam em suas ruas. Tanto o campo da Educação quanto da Psicologia sofrem ataques de lógicas liberais que impedem o desenvolvimento de uma consciência emancipatória dos indivíduos sobre suas realidades, sendo a realidade cidadina, em seus potenciais inerentes, um caminho possível de pensar formas que divergem do modo hegemônico de resolução de problemas intrinsecamente estruturais.

## **Fomentando espaços públicos: o potencial da transdisciplinaridade**

Para compreender a complexidade que atravessa as dinâmicas que envolvem o fenômeno de cidades educadoras, deve-se recorrer ao paradigma da transdisciplinaridade. Sendo percebida enquanto “dinâmica gerada pela ação de vários níveis de Realidade ao mesmo tempo” (NICOLESCU, 2018, p. 54), promover transformações a nível local cotidiano da realidade cidadina pela via da educação é essencial para também intervir em relação às demandas geradas pelos sujeitos em relação a processos psicoterapêuticos. Essa afirmação pode ser respaldada a partir do olhar de Milton Santos (2007):

A educação não tem como objeto real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo. A educação feita mercadoria reproduz e amplia as desigualdades, sem extirpar as mazelas da ignorância. Educação apenas para a produção setorial, educação apenas profissional, educação apenas consumista, cria, afinal, gente deseducada para a vida. (SANTOS, 2007, p. 154).

Portanto, transformar o ambiente citadino enquanto cidade educadora é, necessariamente, pensar em uma educação que se realiza-se em um contexto global, não se restringindo a uma educação bancária de apenas introjeção do conhecimento de um professor para o aluno, crítica formalizada por Paulo Freire (2011, 2014), mas pensada também nos contatos plurais no cotidiano citadino, refletindo junto de seus pares sobre as condições materiais nas quais estão inseridos na cidade, com suas lutas e divergências. Portanto, pensar criticamente a realidade necessita inerentemente deixar de pensar a educação formal enquanto único espaço de disputa sobre os potenciais educacionais, devendo ir para a cidade também suas reflexões e suas propostas.

A constituição de sujeito não se dá de forma separada, distinguindo a sala de aula, o caminhar pela cidade e a clínica, sendo que todos esses contextos, de Educação, de Território e de Psicologia realizam-se dialeticamente em todos os momentos na vivência em sociedade, sendo impossível de precisar onde um

campo termina e outro se inicia. Deve-se, portanto, pensar nas sobreposições de seus temas, tópicos e experiências, principalmente nos seus contínuos contatos com seus pares para promover transformações a níveis estruturais.

Como é pensado por Campos, Carvalho & Baptista (2021), a cidade pode ser pensada enquanto um currículo para seus cidadãos, dispondo de competências, habilidades e percepções que podem ser instrumentalizadas nas diversas áreas de suas vidas. Esse currículo de uma cidade educadora inerentemente reverte-se na criatividade de pensar novas formas de vivência, além da valorização de um contato de respeito sobre a alteridade, reconhecendo a diversidade de valores possíveis para sua vida. Formalizar essas novas possibilidades reverte-se, necessariamente, em outros motivos pela busca da psicoterapia, com novas demandas e com novas exigências da Psicologia, que dispõe da capacidade de formalizar novas ferramentas emancipatórias para as vivências dos cidadãos, dimensionando e intervindo sobre o olhar hegemônico e homogêneo dos modos de vivência centralizados em melhoramentos de si com raiz mercadológica neoliberal, atrelando um sentido que necessariamente contempla a dimensão coletiva e comunal da existência do indivíduo em sua realidade territorial.

Portanto, para buscar respostas aos desafios impostos sobre a condição contemporânea de regulação da vida cidadina a partir da ótica mercadológica, a intervenção possível para uma transformação paradigmática deve necessariamente contemplar a lógica transdisciplinar, descentralizando os campos de conhecimento em seus instrumentos próprios fechados em suas lógicas internas, mas pensando-os em seus contatos e para fora de seu ambiente imaginário ideal, como escolas, ruas ou consultórios. A solução possível para essa dinâmica pode ser centrada na promoção de cidades educadoras, seja a partir da promoção de práticas culturais, que como defendidas por Williams (1979, 2000, 2001), atuam enquanto atividades que elucidam os mecanismos que estruturam a realidade social de forma explícita, como por atividades artísticas, históricas, entre outras, realizando com que, necessariamente, o espaço urbano torne-se público, abraçando a pluralidade que o compõe em seu cotidiano com seus diferentes modos de ser,

apresentando seus dilemas com novas formas de intervenção pela própria população.

### **Considerações Finais**

O presente ensaio propôs refletir a partir do paradigma da transdisciplinaridade como o advento das cidades educadoras pode intervir em diversos níveis de existência que atravessam o cotidiano citadino. A realidade se realiza em seus diversos níveis a partir da sobreposição de fenômenos e experiências dos sujeitos, não sendo separados em campos ou experiências separadas. O sujeito que está na instituição escolar também estabelece suas relações e vivências enquanto cidadão nas ruas da cidade, que por sua vez, a partir de suas diversas experiências cotidianas, gera suas demandas que surgem nas clínicas que promovem psicoterapia.

Partindo da realidade que a pluralidade de formas de existências é sujeitada a modos de pensamentos hegemônicos e homogêneos pelas lógicas de mercado contemporâneas, decorrentes das demandas contemporâneas neoliberais, a proposta de cidade educadora surge como uma resposta possível transdisciplinar para responder de forma emancipatória a esse fenômeno. Considerando a transformação do ambiente urbano em um espaço público, que estabelece como princípio o reconhecimento da alteridade nos contatos plurais entre os sujeitos que compõem o cotidiano citadino, promovendo diálogos que permitam gerar conhecimentos criativos sobre as formas de resolução das ocorrências de opressões na cidade, busca-se, a partir do presente trabalho, incentivar cada vez mais a realização de investigações teóricas e empíricas que promovam intervenções civis e institucionais, público ou privadas, que objetivem a realização de um ideal de cidade que complexifique os campos da Educação e da Psicologia para um trabalho continuamente conjunto em suas potencialidades independente do território no qual se aterrem.

## Referências bibliográficas

BACILA, Maria Silvia. Cidades Educadoras: um estado da arte entre 1990 e 2020 e a relação com a educação formal. **REVISTA INTERSABERES**, 2021, 16.39: 1034-1048.

BERNET, J. T. Introdução. In: E. A. Educadores, La Ciudad Educadora = La Ville Éducatrice Barcelona, Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 1990.

CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. **Manufacturing happy citizens: How the science and industry of happiness control our lives**. John Wiley & Sons, 2019.

CAMPOS, T.; CARVALHO, L. D. .; BAPTISTA, M. C. . Educação infantil, currículo e cidade: crianças em espaços culturais de Belo Horizonte. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 13, n. 33, p. 355–376, 2021. DOI: 10.28998/2175-6600.2021v13n33p355-376. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/12686>. Acesso em: 16 mar. 2022.

CASTRO, Antônio Orlando de; NETO, Adolfo Oliveira; PALHETA, João Márcio. CIDADES QUE ENCANTAM, CIDADES QUE EDUCAM: CAMINHOS PARA UMA CIDADE EDUCADORA. **Revista Signos Geográficos**, 2020, 2: 1-30.

CHISTÉ, Priscila de Souza; SGARBI, Antonio Donizetti. Cidade educativa: reflexões sobre educação, cidadania, escola e formação humana. **Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica**, 2015, 5.04: 84-114.

DUNKER, Christian. A hipótese depressiva. In SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. (Org.) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Autêntica Editora, 2021.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Zahar, 1994.

FERNANDES, Renata Sieiro. A cidade educativa como espaço de educação não formal, as crianças e os jovens. **Revista Eletrônica de Educação**, 2009, 3.1: 58-74.

FRANCO, Fábio et al. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. (Org.) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Autêntica Editora, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaço público, espaços públicos. **GEOgraphia**, 2018, 20.44: 115-119.

GOMES, Rafael; AZEVEDO, Giselle. Educação integral e cidades educadoras: experiências educativas em cidades brasileiras. **PIXO-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, 2021, 5.16.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. Boitempo Editorial, 2015.

LEITE, Rogério Proença. Localizando o espaço público: Gentrification e cultura urbana. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2008, 83: 35-54.

MACHADO, Valeriê Cardoso. Cidades: Breves discussões teóricas sobre seus contextos sociais, educativos e ambientais. **Revista Percursos**, 2009, 1.1: 5-22.

MOLL, Jaqueline; CORÁ, Elsie José; DA SILVA, Márcio Tascheto. CIDADES EDUCADORAS: o desafio da construção de outro paradigma pedagógico e de gestão em tempos distópicos. **Revista Vagalume**, 2022, 2.2: 1-5.

NEVES, Antonio et al. A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si. In SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. (Org.) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Autêntica Editora, 2021.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 2018.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. (Org.) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Autêntica Editora, 2021.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007.

VIDAL, Fernando; ORTEGA, Francisco. **Being brains**. Fordham University Press, 2017.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 239 p.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **The long revolution**. Peterborough: Ont. Broadview Press, 2001. p. 1-119.